

O município do Sambizanga está a acordar este Sábado como todos os outros dias da semana. As mulheres e raparigas iniciam o seu trabalho de recolha de água, fazendo bichas frente aos chafarizes e tanques do bairro. O trânsito já está bastante congestionado devido ao fluxo de gente em direcção ao mercado existente naquelas paragens, o conhecido Roque Santeiro. A maioria, àquela hora do dia, está a preparar as suas bancadas no mercado, partilhando informações sobre os armazéns que fornecem mercadorias a preços reduzidos, enquanto outras buscam negócios para vender em outros sítios da cidade. À medida que o Sol se levanta e começa cada vez com mais intensidade a marcar a sua presença, as pessoas do bairro, aproximadamente cem mil, que chegaram ao município há mais de dez anos para escapar à guerra, estão de pé e prontas a enfrentar os desafios com que diariamente são confrontadas na luta pela sobrevivência.

Luzia, jovem de 25 anos, e mãe de duas crianças pequenas, ouve alguém a bater à sua porta. Por norma não recebe visitas tão cedo; conseqüentemente, tem algumas reticências em abrir a porta, com medo de receber, logo pela manhã, uma má notícia. Ao abri-la, qual o espanto! Depara-se com o pai das crianças à sua frente, com um sorriso no rosto. Luzia está sem palavras, pois não o viu durante os últimos dois anos, desde que este integrou uma unidade especial das Forças Armadas Angolanas em serviço na República do Congo. Durante a sua ausência, teve somente um contacto por telefone. No entretanto, Luzia trabalha como empregada doméstica durante o dia e frequenta aulas de informática à noite. Envolveu-se com um homem casado e daí resultou uma relação séria. Luzia conversou bastante com o pai das crianças e concordaram, devido às circunstâncias, que seria melhor para ambos que ele vivesse temporariamente na casa dos seus pais, até ao momento de tomada de decisão sobre o que fazer a seguir, perante este novo cenário.

Durante este período de ausência, Luzia pensou e imaginou várias hipóteses sobre a sorte que teria calhado ao seu parceiro, desde a de regressar para ela no final da missão até à possibilidade dele ter formado nova família por aquelas paragens. Pela sua jovem idade, e para além daquilo que a sociedade poderia dizer, convenceu-se e estava ciente de que tinha o direito

de divertir-se e envolver-se com outro homem, uma vez que o seu parceiro permaneceu silencioso durante muito tempo. Luzia começou a ter mais apoio da sua mãe e amigos e hoje vê a sua situação com outros olhos, e defende que se voltar para o seu parceiro a base da relação deverá mudar.

### **O impacte da guerra no tecido familiar angolano**

A história de Luzia é comum no contexto actual de Angola, onde muitos membros de famílias estão a ser reunificados depois de terem sido separados durante e devido aos longos anos de guerra.

À luz da situação destas pessoas, muitas questões podem ser levantadas. Por exemplo, em que medida a composição da família mudou? E o que esperam as jovens mulheres como Luzia da união com os parceiros que estiveram muito tempo ausentes? Talvez o mais importante seja a questão de saber como a relação de género e respectivos papéis podem ser renegociados neste novo contexto.

Realmente, os longos anos de guerra não só tiveram efeito devastador no desenvolvimento económico do país, mas também, e sobretudo, no tecido social das famílias e comunidades. O impacte gerado pela guerra pode ser examinado na perspectiva de género e de classe, uma vez que afectou mais as mulheres do que os homens, pois tiveram uma carga dupla. São as mulheres que tiveram os seus filhos e maridos arregimentados para a guerra. Em Angola, onde a maioria dos pobres é que foi para a guerra e onde a incorporação forçada se verificou a meio da noite, e somente nos bairros pobres, parece óbvio que as consequências a longo prazo dessa parcialidade de classe se traduziram num aumento da disparidade social e numa carga extra para as famílias mais desfavorecidas. Estas consequências podem ser observadas no baixo nível educacional dos soldados desmobilizados, os quais se encontram num escalão inferior para competir em pé de igualdade no mercado de trabalho com os mais privilegiados, o que frustra a mobilidade social. Assim, hoje as famílias têm uma constituição social diferente daquela que se observava em décadas anteriores.

A estrutura típica de uma família alargada nas áreas periurbanas é geralmente composta por seis a oito membros. Além dos pais e filhos, outros familiares juntam-se aos que já estão estabelecidos, principalmente nas zonas periurbanas. As obrigações inerentes às ligações de parentesco estabelecem para cada membro do agregado um sistema complexo de direitos e deveres. A prevalência das famílias (não necessariamente definidas pelas actividades de consumo comum) advém do facto de que os membros da família que fugiram à guerra estabeleceram-se primeiro com os familiares e depois deslocaram-se para mais longe, onde a densidade populacional e os preços da terra estão mais baixos, como é indicado em vários estudos. Adicionalmente, os efeitos da guerra podem ser observados na dispersão dos familiares, entre famílias já estabelecidas nas áreas periurbanas.

### **A renegociação dos papéis**

O tempo é oportuno, de igual modo, para reexaminar as mudanças interfamílias, como por exemplo, da renegociação do poder e da tomada de decisão como resultado da guerra. As especificidades do género no processo de tomada de decisão podem acontecer diferentemente no contexto do pós-guerra. Por exemplo, o que acontece quando os homens voltam da guerra? Como é que eles se adaptam às situações em que as mulheres tiveram de tomar decisões sozinhas durante a sua ausência? De igual modo, pode questionar-se o caso da adaptação das mulheres à partilha da decisão com os parceiros que regressaram.

A renegociação de papéis pode verificar-se e ter resultados diferentes de acordo com o tipo de agregado e dependendo de variáveis como o ciclo de desenvolvimento do agregado, a sua estrutura, demografia, chefia familiar, rendimentos e uso de mecanismos de sobrevivência. Adicionalmente, o *locale* da autoridade última e as relações entre os membros podem igualmente alterar-se quando os homens voltam da guerra.

No contexto periurbano de Angola, o poder e o controlo no agregado têm uma parcialidade do género a favor do homem. Embora as mulheres sejam as mais frequentes provedoras para o agregado, a tomada de decisão e a

autoridade estão nas mãos dos homens. Adicionalmente, as normas da sociedade reforçam essas práticas, uma vez que as mulheres são as primeiras a apontar os respectivos parceiros como o chefe de família não obstante a pouca habilidade dos homens para contribuir financeiramente para o agregado.

É possível argumentar-se que o caso de Luzia, e de outras mulheres que tiveram de depender delas próprias durante a ausência do parceiro, pode levar a uma situação em que optem por ficar sem parceiros com medo de perderem a sua independência. Quando se perguntou a Luzia o que pensava do futuro com o seu parceiro, ela admitiu ter receio de cuidar de um parceiro desempregado. Discutindo com mais profundidade com a Luzia as implicações de ficar uma mulher solteira com duas crianças num contexto de pobreza endémica, ela argumentou que, para além dos sentimentos que tem para com o parceiro, preferia ficar só durante algum tempo até que aquele encontrasse um emprego.

Argumenta-se, geralmente, que os rendimentos das mulheres começaram a criar um desafio cultural sério no que diz respeito às capacidades dos homens para criar rendimentos e, de igual modo, na relação do género no seio da família. Algumas evidências apontaram o aumento de violência doméstica contra as mulheres e crianças (ver Pehrsson *et al.*, 2000) e estes fenómenos advêm dos novos papéis que as mulheres assumiram na ausência dos homens como os únicos provedores. Estes novos papéis necessitam de ser examinados com vista a compreender o que foi e o que é a situação das mulheres chefes de família no quadro actual.

Uma análise do género no país, conduzida pela Agência Sueca de Desenvolvimento Internacional (ASDI) em 1991, concluiu que os agregados chefiados por mulheres são numerosos, situam-se entre os mais desvantajosos e compreendem o centro da pobreza rural (ver Hurlich, 1991). Porém, o mesmo estudo reconheceu o facto de que não há nenhuma estatística precisa sobre o número de tais agregados, nem qualquer pesquisa que identifique as razões para a sua constituição e empobrecimento. As razões hipotéticas declaradas no estudo incluem a guerra, o abandono e a deslocação.

Um dos mais recentes estudos apontou que 31,1 por cento dos agregados em Angola são chefiados por mulheres, com 28 por cento nas áreas urbanas e 32 por cento nas áreas rurais (UNICEF, 1997). Estas estimativas podem ter mudado com o reacender da guerra em 1998, embora não existam pesquisas ou estudos actualizados que possam confirmar tais estimativas.

As mais recentes análises sobre a pobreza datam de 1995. O estudo conduzido pelo Instituto Nacional de Estatística em seis capitais de província, incluindo as respectivas áreas periurbanas, cobriu um total de 5783 agregados. Os principais objectivos do estudo foram a identificação dos grupos considerados os mais pobres dos pobres, avaliar a distribuição espacial da pobreza e identificar os factores principais que conduzem à pobreza. Os resultados deste estudo foram usados numa análise comparativa com dez outros países e destacou que a situação de pobreza em Angola é um fenómeno generalizado e que afecta a maioria da população (ver González de la Rocha, 2000). Adicionalmente, os resultados sugeriram que o género não é um factor especialmente importante na determinação da pobreza e que não havia diferença significativa, por exemplo, entre agregados chefiados por mulheres ou por homens. Por último, o estudo concluiu que os agregados chefiados por mulheres são caracterizados frequentemente através de rendimentos iguais ou níveis de consumo e rendimentos mais elevados que a contraparte masculina.

Existem várias razões plausíveis e que foram induzidas na formação de mulheres chefes de família em Angola. Por exemplo, o Instituto Nacional de Estatística, no estudo realizado em 1993, refere-se ao alto nível de divórcio e separação como factores primários. Isto está estimado em cerca de dez por cento/ano, em 1992 (veja INE, 1993). Outro estudo acentuou a alta taxa de mortalidade masculina devido à guerra, causando um desequilíbrio entre os homens (49 por cento) e mulheres (51 por cento) (ver Pehrsson *et al*, 2000). Existem dez vezes mais viúvas que viúvos no grupo etário dos 30 anos e acima. Por último, a prática de poligamia poliginia é citada frequentemente, também, como um possível factor contribuinte para o fenómeno.

### Comentários finais

O caso de Luzia, como já foi referido, é muito comum no contexto actual e de grande relevância para a sociedade no seu todo, uma vez que reflecte a estrutura da nova família. Porém, o parceiro de Luzia, e outros homens que regressaram à vida civil necessitam de ser enquadrados nas políticas e programas. Até agora, a omissão dos decisores políticos em providenciar um enquadramento adequado que reflecta de forma igual as necessidades dos homens, mulheres e crianças numa situação de pós-conflito pode levar a uma maior desunião da família, disparidades sociais e a longo prazo impedir a mobilidade social. Além disto, esta situação pode continuar a discriminar os que foram as vítimas directas e indirectas da guerra.

É imperativa a criação de mecanismos que contemplem as questões de direitos humanos básicos, como a garantia de acesso aos meios de subsistência, propriedade e herança, não obstante o estatuto marital. Adicionalmente, a negligência permanente destas questões pode redefinir os papéis do género e relações ao nível do agregado, por um lado, e a sobrevivência do agregado, por outro, de uma forma que, a longo prazo, criará a contínua subjugação da mulher.

### NOTAS

GONZÁLEZ DE LA ROCHA, M. (2000), «Private Adjustments: Household Responses to the Erosion of Work». Report prepared for the Social Development and Poverty Elimination Division, Bureau for Development Policy.

HURLICH, S. (1991), «Country Gender Analysis». Report prepared for the Development Cooperation Office, Swedish International Development Authority (SIDA), Luanda, Angola.

Instituto Nacional de Estatística (1993), *Relatório Anual*, Luanda, Angola.

Instituto Nacional de Estatística (1995), «O Perfil da Pobreza em Angola». Relatório preparado com o apoio do Banco Mundial e UNICEF, Luanda, Angola.

PEHRSSON, K., COHEN, G., DUCADOS, H. and LOPES, P. (2000), «Towards gender equality in Angola». Report prepared for the Swedish Embassy in Angola. Swedish International Development Cooperation Agency. Luanda.

**O reencontro: o novo tecido familiar  
no quadro actual de Angola** | **HENDA DUCADOS e  
VICTOR GUILHERME**

United Nations Children's Fund (UNICEF) (1997), «Inquérito de Indicadores Múltiplos (Demografia, Saúde, Educação, Saneamento e Nutrição)», Luanda.

United Nations Security Council (2000), «Public Report for the Secretary-General of the United Nations Office in Angola» S/2000/678. United Nations, Nova Iorque.